

GESTÃO DEMOCRÁTICA: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO

OLIVEIRA¹, Sélia Gomes de
SILVA², Stefani Cavalheiro
HARTMANN³, Maria Lourdes Backes (Orientadora)

Palavras-chave: Educação. Sociedade. Democracia. Emancipação.

Sendo a gestão democrática uma ferramenta condutora para o processo educacional emancipatório, ela obtém grande relevância no cenário contemporâneo. O sistema educacional vive um momento decisivo e determinante para a qualidade da educação, em um momento histórico em que as práticas educacionais são revistas. O tema “Gestão da Educação Básica: as possibilidades na educação infantil” nos remete a uma reflexão pertinente ao ser autônomo e liberto, o qual clama por liberdade na sociedade e no espaço escolar nos dias atuais. Percebemos fraturas histórico-culturais que vem caminhando com as instituições de ensino, e que muitas vezes impedem a concretização das ações democráticas neste meio.

Levamos em consideração fatores impregnados na constituição social, como desigualdade, índice de pobreza relevante, estruturas inadequadas para um funcionamento da educação de qualidade, sobrecarga dos docentes - que muitas vezes não estão preparados para sala de aula, educadores inseridos em um sistema emaranhado de paradigmas confusos, que os constituem como agentes passivos e apassivadores diante dos desafios encontrados no mundo globalizado. Percebemos que:

A imensa máquina da educação é rígida, inflexível, fechada, burocratizada. Muitos professores estão instalados em seus hábitos e autonomias disciplinares. Estes, como dizia Curien, são como os lobos que urinam para marcar seu território e mordem os que nele penetram. Há uma resistência obtusa, inclusive entre os espíritos refinados. Para eles, o desafio é invisível. (MORIN, 2000, p.99)

Daí denotamos que ainda a educação baseia-se em um ensino de perfil conteudista e retrógrado, o que na prática dificulta o exercício da cidadania e a democratização da sociedade em geral.

Levando em consideração as diferentes etapas de formação dos professores em uma determinada universidade, em um determinado tempo, notamos que cada educador traz consigo perfis e concepções distintas, ou seja, diversas leituras de mundo e muitas percepções sobre a

¹ Sélia Gomes de Oliveira, acadêmica do Curso de Pedagogia- UNICRUZ, gomesselia@hotmail.com

² Stefani Cavalheiro Silva, acadêmica do Curso de Pedagogia – UNICRUZ, stefanisilva1000@gmail.com

³ Maria Lourdes Backes Hartmann, Mestre em Educação, Docente no Curso de Pedagogia, UNICRUZ, mhartmann@unicruz.edu.br

educação. E é justamente nestas particularidades que podem abrir-se possibilidades para inovações educacionais, como também, correr o risco de alguns professores acomodarem-se no tradicional, receosos do novo. Subentendemos que só o conhecimento teórico da gestão democrática dificilmente conseguirá transformar o âmbito educativo. O gestor deve fazer uso de estratégias para acomodar diferentes pontos de vista na escola. Empregar as várias compreensões e pontos de vistas para qualificar o processo educacional, não sendo esta uma tarefa tão simples quando falamos em prática.

Nosso estudo foi desenvolvido sobre o prisma qualitativo e investigativo, tendo como intuito uma análise descritiva e interpretativa dos dados coletados. Os sujeitos da nossa curiosidade foram professores, conselho escolar e gestores das instituições contempladas. Junto a eles buscamos um reconhecimento das diversas concepções que bordam a colcha de retalhos do campo educacional, inclusive quanto à praticidade dos instrumentos ditos democráticos.

Objetivamos a construção de um conhecimento sólido, condizente com a gestão alicerçada nos princípios democráticos, os quais possibilitem a nós, acadêmicos e futuros promotores dos saberes, visualizarmos sua existência ou não no cotidiano escolar. Visamos, a partir deste conhecimento, compreender o processo da gestão pedagógica na educação básica. Almejamos sempre ter em mente a razão, os objetivos da escola e especificamente as reais intenções da educação em cada espaço de tempo em que se situa determinada sociedade.

É de fundamental importância não agirmos em busca de culpados, a transferir responsabilidades complexas para determinados sujeitos (professores, gestores e demais ocupantes de cargos) que se defrontam todos os dias com um sistema amplo, complexo e, muitas vezes, falho. Entretanto, não podemos eximir as pessoas de um compromisso com o saber e com o bem estar da comunidade a qual integram. Portanto, orientá-las para que sejam autônomas e capazes de conduzir, reger, nortear suas vidas e seu contexto histórico é compromisso da educação libertadora. Ser cidadão, inserido numa sociedade, assumindo suas responsabilidades como parte que compõe e completa o todo. Falar a democracia é simples, o difícil é unificar quem somos da maneira como culturalmente aprendemos, com um objetivo que sustente, pela primeira vez na história, o bem geral e conceba o outro como sendo um sujeito igual.

No que diz respeito à educação, precisamos urgentemente de pensadores que repensem as práticas, espaços e tudo mais que se interliga a ela. Não podemos mais, sem uma mudança profunda, vê-la como instrumento de formação de opinião e cidadania, uma vez que isso é o que menos encontramos em seus espaços. Acreditamos que a reflexão se encontra desgarrada das instituições de ensino. Formamos jovens sem consciência política, sem visão real e ampliada do

mundo. Talvez seja essa a nossa luta, em ressignificar um processo educacional que há muito tempo caminha numa visão tradicional. Embora o foco da educação seja ampliar a consciência do indivíduo, algo novo pode surgir ao propor a dúvida, o repensar sobre o próprio pensamento, sobre o sabido, para então acreditar. Esta é uma finalidade intransferível da escola, desconstruir, duvidar para significar e ressignificar a prática e os saberes.

De fato, os atuais projetos de reforma giram em torno desse buraco negro que lhes é invisível. Só seria visível se as mentes fossem reformadas. E aqui chegamos a um impasse: “não se pode reformar a instituição sem uma prévia reforma das mentes, mas não se podem reformar as mentes sem uma prévia reforma das instituições. Essa é uma impossibilidade lógica que produz um duplo bloqueio.” MORIN(2000, p.21)

O contexto histórico brasileiro é marcado por circunstâncias ambíguas, desigualdade social, privilégios para poucos, enquanto a grande massa padece no purgatório da pobreza e da miséria. Indigna saber que apesar de todo um discurso de progresso o Brasil ainda caminha com uma cultura onde predomina opressores e oprimidos. Embora, seja do conhecimento de todos que existem pessoas privadas do necessário para a sobrevivência, reflexos de uma trajetória histórica alicerçada e fundamentada em traços elitista, de seleção excludente e de autoritarismo. Como reverter tal situação? A escola, enquanto promotora de conhecimento, e formadora de consciência crítica, tem um desafio a vencer, pensando na individualidade de cada aluno enquanto sujeito. Romper com esses paradigmas retrógrados, primando pela busca incansável do saber e da transformação.

A gestão democrática, possivelmente, é um instrumento para a cidadania, contudo, diante de um prisma crítico, sem práticas concretas que envolvam os verdadeiros sujeitos da escola, podemos dizer que a democracia torna-se oca. As entrelinhas são fascinantes, uma vez que podemos, ou não, perceber aquilo que está oculto. Quando cruzamos as falas de autores com relação a realidade dos professores reais no contexto escolar, temos a percepção de que, sabido o conceito, este se torna evidência e existência concreta. Entretanto, o que vimos foi a indissociação entre teoria e viabilização prática. Ora por questões individuais, ora por questões sistêmicas.

Para tanto, o papel de cada um é decisivo para a construção de uma sociedade melhor e mais justa. A luta na educação não é a mais fácil, porém a mais importante, em um país repleto de mediadores da esperança. Acreditamos que as palavras teóricas tornam-se insignificantes diante de atitudes e ações transformadoras.

Referências

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.